

PREFÁCIO

«Com convicções e abertura de espírito»

Acabava de tomar as minhas notas para escrever estas breves palavras quando tropecei num *tweet* de Luís Aguiar-Conraria: «Desde que apoio o Braga, este deve ser o primeiro golo do SC Braga que me custou ver. Esperem pela 2.^a mão, quando estiverem contra 11.» Não sei quantos adeptos de futebol seriam, nos dias que correm, capazes de ir para o Twitter escrever que não gostaram de ver um golo do seu clube sobretudo num jogo que, naquelas horas, estava a incendiar – de novo – os ânimos no país. O jogo em causa, um SC Braga-FC Porto que terminou empatado a um golo e teve uma arbitragem muito polémica, foi daqueles que costumam levar os adeptos a cerrar fileiras nas suas trincheiras, mas não este adepto. Achei por isso que recuperar este desabafo futebolístico – sendo que o futebol não é tema neste livro – era uma boa forma de chegar aonde queria, e onde eu queria chegar era à qualidade que mais aprecio em Luís Aguiar-Conraria cronista: não é um homem de trincheiras. No estado em que está o debate público em Portugal, é uma característica pouco comum, pois o mais frequente é encontrarmos gente barricada no que julga ser o «seu campo» e que perdeu a capacidade de sequer escutar um argumento. Não é o seu caso.

Quando convidei Luís Aguiar-Conraria para escrever no *Observador*, no final de 2015, estava a geringonça a formar-se, já sabia que ele se situava politicamente numa das áreas politicamente mais rarefeitas do país. Ao definir-se como «liberal de esquerda», colocava-se numa espécie de terra de ninguém num Portugal onde ser-se liberal não era apreciado por vivalma (entretanto isso começou a mudar), especialmente à esquerda. Eu mesmo, que, na década de 1980, passei por uma coisa chamada «Clube da Esquerda Liberal», sabia que a designação atraía mais desconfianças e perplexidades, porventura sarcasmos e até ódios, do que entusiasmos. Mas também sabia que correspondia a muito mais do que ser apenas «uma esquerda que sabe fazer contas», como no tempo áureo da blogosfera às vezes à direita se referiam ao economista da Universidade do Minho que sabia que o resgate da Troika não tinha acontecido por acaso, nem por qualquer obsessão ideológica.

Na verdade, como constatarão os leitores deste livro onde se reúnem as crónicas que começou por publicar no *Observador*, depois no *Público* e agora no *Expresso*, Luís Aguiar-Conraria não encaixa facilmente em nenhum rótulo ou etiquetagem. O que é interessante ao lê-lo é que não sabemos à partida o que vai defender, porque também não sabemos à partida de que lado da discussão se encontra, pois, como já sublinhei, ele não é um homem de trincheiras. Pelo contrário: tendo convicções, olha para os argumentos com real abertura de espírito. Por mais de uma vez conta-nos como mudou de ideias sobre um tema, ora porque a experiência de vida lhe mostrou que as coisas eram diferentes, ora porque encontrou argumentos que o fizeram mudar de opinião. E fá-lo sempre sem peneiras, porque sabe que estupidez é agarrarmo-nos a ideias erradas, inteligência é termos abertura para aprender e evoluir.

Mas não é apenas esta característica que me agrada em Luís Aguiar-Conraria. Também me delicia a forma desprendida como

escreve coisas que, se vivesse nos Estados Unidos e ensinasse numa Universidade como Harvard ou Yale, lhe podiam custar a carreira. Vou dar um exemplo. Economista, encontrarão neste livro muitos textos sobre economia, mas não a maioria, e sobretudo não encontrarão textos aborrecidos. Ao falar-nos sobre os comportamentalistas, aqueles que nos explicam que as pessoas querem descontos porque ficam com a sensação de fazer um bom negócio mesmo que estejam a pagar exatamente o mesmo, ele tem uma passagem que lhe custaria a cabeça em qualquer universidade americana por pecado mortal de discriminação sexista. Não resisto a citá-la: «No fim dos anos 1970, Thaler veio dizer-nos que nem todos os agentes eram racionais. Não parece ser grande novidade, afinal, num mundo em que mais de metade das pessoas são mulheres, isso é óbvio.» Acalmem-se já os que pensam que Luís Aguiar-Conraria é misógino, pois encontrarão muitos textos a defender apaixonadamente a igualdade de género e verão que, umas linhas adiante, também acrescenta que os homens padecem da mesma falta de racionalidade.

Usei este exemplo porque ele ajuda a compreender a forma heterodoxa como o cronista aborda muitas vezes os seus temas. Sobretudo se pensarmos que estamos perante um economista. É preciso por isso deixar um alerta: este economista, como o próprio alerta, considera que «o que caracteriza a “ciência” económica é muito mais a metodologia do que a ideologia», e por isso o que encontramos em muitos artigos é muito mais o método do académico que pega num determinado problema e procura analisá-lo não de acordo com uma ideologia, mas seguindo a metodologia de uma ciência. Foi assim, por exemplo, que nos explicou os erros de raciocínio de muitos, e de Marcelo Rebelo de Sousa em particular, quando se debateu a estatística dos falsos positivos nos testes à covid-19. Ou como não nos explicou, mas enunciou, a demonstração matemática dos Teoremas

Fundamentais do Bem-Estar, que formalizam matematicamente a mão invisível de Adam Smith.

Mas se este não é um livro de crónicas de economia, há mesmo assim algumas reflexões muito marcantes, pois revelam o que está mal em Portugal e de que poucos falam, como os problemas da tomada das instituições independentes («Regulação à portuguesa»), a crónica falta de capital que nem sequer é problema recente («Fidalguia sem maquia»), a injustiça intergeracional («Derreteu-se o chocolate») ou porque é que somos e seremos pobres («É isto, foi isto e será sempre isto»), uma crónica que recorda o que se passou com o grupo Espírito Santo e de que não resisto a citar uma passagem: «Bem podem cair milhares de milhões da União Europeia, que o país não se irá desenvolver. Pelo contrário, haverá dinheiro suficiente para enriquecer os donos do regime, ao mesmo tempo que os restos serão suficientes para manter o resto do país satisfeito, num torpor medíocre.»

Por, como agora gosta de se dizer, «pensar fora da caixa», Luís Aguiar-Conraria consegue também aventurar-se por terrenos menos explorados e debater propostas que nem sequer estão no debate político. Uma delas é ter um IVA a 50 por cento por troca com quase todos os outros impostos. É uma daquelas ideias que, como Fernando Pessoa terá dito da *Coca-Cola*, ao princípio estranha-se e depois entranha-se. Ou seja, dá que pensar e faz-nos voltar ao artigo várias vezes, para rever os argumentos. Tal como as propostas de RBI, rendimento básico incondicional, essas já mais debatidas, que curiosamente começaram por ser uma ideia da esquerda e agora surgem mais em sectores da direita (se é que faz sentido continuar a falar de esquerda e direita em certos temas).

Tanto num caso como no outro, a vantagem dos textos de Luís Aguiar-Conraria é que nos põem a pensar sobre os temas. Abalam certezas. Instalam dúvidas. É isso que também consegue

quando escreve sobre o voto eletrónico e por correspondência. É de resto preciso alguma coragem e muita frontalidade para, depois de 100 milhões de votos por correspondência terem dado a vitória a Joe Biden, vir dizer que mesmo assim não está convencido de que esse voto seja tão livre como o voto em urna – mas este cronista, com muita família nos Estados Unidos, teve essa coragem e frontalidade. E deu argumentos suficientes para, no mínimo, sermos prudentes numa reforma eleitoral que muitos querem apressada.

Mas a prudência que se exige ao legislador não é a prudência nem o recato que se pedem ao cronista, e nessa frente Luís Aguiar-Conraria está bem na sua pele. É um académico, mas sem os tiques da Academia nem os medos da Academia nem os salamales da Academia. Sabe onde está politicamente, mas não se encerrou politicamente, antes prefere conversar com todos, desde que em termos civilizados. E, pormenor que é um por maior: vive e trabalha em Braga, está longe da cacofonia da capital, e só isso já nos traz ares mais limpos para um espaço público demasiado endogâmico.

Que posso dizer mais? Que um dia conto tê-lo de volta no *Observador*.

José Manuel Fernandes

Fevereiro de 2021

INTRODUÇÃO

Ao estudar economia, adquire-se um conjunto de ferramentas que mudam a forma como se lê o mundo, quer nas pequenas quer nas grandes coisas. Tal como, ao investigar um crime, um inspetor pergunta sempre quem com ele beneficiou, também um economista interpreta as relações humanas à luz dos incentivos, económicos ou não. Simultaneamente, aprende várias técnicas de análise de dados, a que chamamos econometria, e, se for um bom economista, desenvolve o gosto por formular perguntas que correspondam às respostas que os dados nos possam dar. Tão ou mais interessante do que encontrar respostas às perguntas é encontrar perguntas para as quais há resposta.

Neste livro, reúno vários textos. Alguns foram publicados no meu blogue, *A Destreza das Dúvidas*, outros saíram no *Público* – quer na extinta revista *Dia D*, quer no seu extinto *Suplemento Económico*, quer no seu caderno principal –, no *Observador* e no *Expresso*. O traço comum à maioria dos capítulos é a aplicação dos instrumentos que o estudo da economia nos dá para analisar questões económicas, mas também não económicas. Um agradecimento é devido aos seus diretores, que me deram, e dão, a oportunidade de escrever.

O primeiro capítulo dedica-se a assuntos muito diversos que vão da simulação de orgasmos à (falta de) lógica de impor

determinados requisitos para um referendo ser vinculativo. Inevitavelmente, também se fala de questões económicas, mas daquelas que, aparentemente, não são muito importantes, como o facto de haver cada vez maior variedade de ovos à venda.

No segundo, discutem-se alguns grandes temas da economia nacional – e também internacional. Regulação, centralismo, privatizações, poupança, fiscalidade e competitividade, mercado de trabalho e as relações entre o Estado e a imprensa são alguns dos assuntos tratados. Avançam-se com várias explicações – não mutuamente exclusivas – para a estagnação económica de Portugal nas primeiras décadas do século XXI. Apesar de serem matérias mais importantes e densas que as do capítulo anterior, a lupa usada para ler o mundo é sempre a mesma.

Não podia faltar um capítulo dedicado às desigualdades. Neste âmbito, no terceiro capítulo analisam-se três grandes temas, que, naturalmente, se traduzem na forma de três lutas de classes: sexuais, sociais e raciais. Por incrível que pareça, no século XXI, ainda é necessário perder algum tempo a explicar que existem diversos tipos de discriminação e que todos nós perdemos com isso. Só admitindo que essa discriminação existe é possível discutir as suas causas e partir daí para as soluções.

O capítulo 4 é dedicado à pandemia. Começa com três textos que ajudam a balizar o debate público que marcou (e marca) os meses da pandemia e que, simultaneamente, mostram o contraste entre os debates pré e pós-pandemia. Ao longo do capítulo, discute-se economia, naturalmente, mas também a forma como tratámos crianças jovens e velhos ao longo deste combate à covid. Particularmente importante são as consequências das escolhas que fizemos nas desigualdades e como estas se projetarão no futuro.

O título do último capítulo é inspirado num dos livros do meu pai de que mais gosto, *Relação de Bordo*. É a minha pequena

homenagem a um grande escritor, Cristóvão de Aguiar. Neste capítulo, tal como na obra do meu pai, encontrará apontamentos pessoais, alguns até um pouco íntimos. Mesmo quando falo de assuntos de interesse geral, como sobre os atentados do 11 de Setembro, faço-o sob a perspetiva da minha janela. Não é de todo óbvio que tenham lugar neste livro, mas conto com a sua indulgência.

É comum dizer-se que os economistas apenas estudam Economia e nada sabem de História, Antropologia, etc. Ainda assim, têm opiniões convictas sobre tudo. Desde alterações climáticas a modelos epidemiológicos. Como economista, encarno esses defeitos e este livro demonstra-o. Há uma vantagem: somos frequentemente convidados para tratar de assuntos que não são da nossa área e, à custa disso, aprendemos coisas. Verá que, apesar de tudo, qualquer que seja o tema, mantenho quase sempre um pé na ciência económica. Leia este livro com o mesmo espírito aberto com que foi escrito.